Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.16, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

TRANSFORMAÇÕES DO IDEAL DO EU NA CONTEMPORANEIDADE:UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE REDES SOCIAIS, DECLÍNIO DO IDEAL SIMBÓLICO E DEMANDAS DE GOZO

TRANSFORMATIONS OF THE EGO IDEAL IN CONTEMPORARY TIMES: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE ON SOCIAL MEDIA, THE DECLINE OF THE SYMBOLIC IDEAL, AND THE DEMANDS OF JOUISSANCE

Gabriel de Freitas Lopes Pinheiro

Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil

E-mail: pinheirogabriel038@gmail.com

Rogério de Andrade Barros

Doutor em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil

E-mail: rabarros1@uefs.br

Recebido: 26/08/25 – Aceito: 27/08/2025

Resumo

O presente trabalho analisa as transformações do Ideal do Eu na contemporaneidade à luz da psicanálise, com foco no impacto das redes sociais, no declínio do ideal simbólico e nas demandas de gozo. A investigação retoma a formulação freudiana do Ideal do Eu como instância psíquica que orienta o ego e regula o desejo do sujeito, articulando-a às contribuições lacanianas, que evidenciam a falta constitutiva dessa instância e sua função na economia do desejo. Observa-se que, no contexto atual, a centralidade das redes sociais favorece o predomínio do registro imaginário, sustentado em identificações com imagens idealizadas, cuja validação pelo olhar do outro intensifica a alienação do sujeito em relação ao próprio desejo. Paralelamente, o enfraquecimento dos referenciais simbólicos tradicionais compromete os mecanismos reguladores do desejo, instaurando uma lógica de gozo imediato, coerente com a dinâmica do discurso capitalista. Esse processo impacta a subjetividade individual e os laços sociais, gerando uma crise de sentido marcada pela fragilidade dos recursos simbólicos e pelo predomínio do imperativo de satisfação ilimitada. De caráter qualitativo e exploratório, o estudo utiliza a teoria psicanalítica como referencial para análise e reflexão crítica, concluindo que a psicanálise, ao enfatizar a elaboração do desejo e o reconhecimento da falta, oferece subsídios teóricos e clínicos para

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

compreender os desafios contemporâneos da subjetividade, favorecendo a reconstrução de laços simbólicos e a sustentação de uma ética que se contrapõe à lógica do gozo ilimitado.

Palavras-chave: Ideal do Eu; Psicanálise; Redes sociais; Contemporaneidade; Gozo.

.

Abstract

This study analyzes the transformations of the Ego Ideal in contemporary times in the light of psychoanalysis, focusing on the impact of social media, the decline of the symbolic ideal, and the demands of jouissance. The investigation revisits Freud's formulation of the Ego Ideal as a psychic instance that guides the ego and regulates the subject's desire, articulating it with Lacanian contributions, which highlight the constitutive lack of this instance and its function in the economy of desire. It is observed that, in the current context, the centrality of social media favors the predominance of the imaginary register, sustained by identifications with idealized images, whose validation by the gaze of the Other intensifies the subject's alienation from their own desire. Simultaneously, the weakening of traditional symbolic references undermines the mechanisms that regulate desire, establishing a logic of immediate jouissance, consistent with the dynamics of capitalist discourse. This process affects both individual subjectivity and social bonds, generating a crisis of meaning marked by the fragility of symbolic resources and the predominance of the imperative of unlimited satisfaction. Of qualitative and exploratory character, the study uses psychoanalytic theory as a framework for analysis and critical reflection, concluding that psychoanalysis, by emphasizing the elaboration of desire and the acknowledgment of lack, provides theoretical and clinical tools to understand contemporary challenges of subjectivity, fostering the reconstruction of symbolic bonds and supporting an ethics that counters the logic of unlimited jouissance.

Keywords: Ego Ideal; Psychoanalysis; Social media; Contemporaneity; Jouissance.

1. Introdução

O conceito de Ideal do Eu, formulado por Freud (1923/2010), constitui instância psíquica central no processo de subjetivação, vinculada à formação do ego, à relação com o superego e à internalização das demandas culturais e sociais. Essa instância orienta o desejo e organiza a relação do sujeito com os seus objetos, desempenhando papel estruturante na economia psíquica. A partir das contribuições de Lacan (1949/2003), o Ideal do Eu adquire nova perspectiva,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

articulada ao registro imaginário e à constitutiva falta, configurando-se como instância de alienação na medida em que o sujeito se identifica com uma imagem especular que nunca lhe assegura completude.

Na contemporaneidade, as transformações culturais e a ascensão das redes sociais impactam diretamente esse conceito. A busca incessante por validação imagética, mediada pelo olhar do Outro, evidencia um Ideal do Eu fragmentado e marcado pela insatisfação (Turkle, 2011). Simultaneamente, o declínio dos referenciais simbólicos tradicionais fragiliza a regulação do desejo, instaurando uma lógica orientada pelo gozo imediato, o que gera uma crise de sentido refletida tanto na subjetividade quanto nos laços sociais (Lacan, 1949/2003).

Este artigo tem como objetivo analisar as transformações do Ideal do Eu na contemporaneidade à luz da psicanálise, com foco no impacto das redes sociais, no declínio do ideal simbólico e nas demandas por gozo. Os objetivos específicos consistem em: i) retomar os fundamentos do conceito em Freud e Lacan; ii) investigar a relação entre o Ideal do Eu e as massas na contemporaneidade; e iii) discutir as implicações do declínio do ideal simbólico para a organização do desejo e a construção de formas de laço social mais estáveis, considerando a crise do sentido estrutural na subjetividade contemporânea.

.

A relevância do estudo justifica-se pela centralidade do Ideal do Eu nos processos de subjetivação e na constituição dos laços sociais. As transformações contemporâneas, atravessadas pelas novas tecnologias e pelo enfraquecimento de referenciais simbólicos, produzem novas formas de sofrimento psíquico e de organização social, demandando análises críticas que articulem teoria e clínica. Assim, o presente trabalho busca oferecer subsídios teóricos que contribuam para o campo da psicanálise e para a compreensão dos desafios que incidem sobre a subjetividade atual.

A pesquisa, de natureza básica, caráter qualitativo e abordagem exploratória, ancora-se na teoria psicanalítica. O procedimento metodológico incluiu revisão bibliográfica, com leituras exploratória, seletiva, analítica e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

interpretativa (Gil, 2008), priorizando obras que abordam o conceito de Ideal do Eu.

1.1 Objetivos Gerais

Objetivo Geral

- Compreender as transformações do Ideal do Eu na contemporaneidade à luz da psicanálise, considerando o impacto das redes sociais, o declínio do ideal simbólico e as demandas por gozo.

Objetivos Específicos

- Analisar os fundamentos teóricos do Ideal do Eu na psicanálise freudiana;
- Investigar a relação entre o Ideal do Eu e as massas na contemporaneidade;
- Discutir as implicações do declínio do ideal simbólico para a organização do desejo e a construção de formas de laço social mais estáveis, considerando a crise do sentido estrutural na subjetividade contemporânea.

2. A construção do Ideal do Eu para Freud

O Ideal do Eu ocupa posição central na teoria psicanalítica freudiana, constituindo-se como instância reguladora do aparelho psíquico e referência para a orientação do desejo, da conduta e das relações sociais do sujeito. Essa instância emerge da articulação entre narcisismo, identificação e exigências culturais, desempenhando papel crucial na construção da identidade e na mediação dos conflitos psicológicos. Em Freud (1914-1916/2010), o Ideal do Eu surge como uma instância derivada do narcisismo primário, fase em que o sujeito experimenta sensação ilusória de completude. Ao longo do desenvolvimento psíquico, o afastamento dessa condição inicial instaura um movimento de busca pelo retorno a essa perfeição perdida, transformando o Ideal do Eu em referência interna para avaliação do próprio Eu (Freud,1914-1916/2010). Assim, percebe-se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

que o Ideal do Eu funciona não apenas como um modelo moral, mas como regulador da tensão entre desejo e realidade, oferecendo ao sujeito diretrizes para sua ação e autoavaliação.

O Ideal do Eu, segundo Freud (1914-1916/2010), não se manifesta apenas como modelo moral ou normativo; ele funciona como uma substituição do narcisismo perdido na infância, oferecendo ao sujeito uma experiência imaginária de completude. Nesse sentido, o desenvolvimento do Eu implica simultaneamente o reconhecimento da impossibilidade de retomar plenamente o narcisismo primário e a manutenção de aspirações idealizadas que orientam o comportamento e os investimentos libidinais. Esse processo pode gerar angústia, dado que o sujeito se vê diante de um ideal que nunca poderá ser plenamente alcançado.

A construção do Ideal do Eu está profundamente vinculada às figuras parentais, primeiros objetos de investimento libidinal da criança. Freud (1914-1916/2010) observa que os pais, ao projetarem suas próprias expectativas e ideais sobre o filho, revivem seus investimentos narcísicos, permitindo que a criança se torne objeto de suas projeções e desejos não realizados. Dessa forma, o Ideal do Eu incorpora tanto as demandas culturais quanto os desejos familiares, criando uma rede complexa de referências internas. Nesse contexto, o Ideal do Eu atua como mediador entre o sujeito e as exigências sociais internalizadas, estabelecendo um campo de tensão entre as expectativas internalizadas e a realidade externa (Freud,1914-1916/2010). Observa-se, portanto, que a internalização parental não se limita à transmissão de normas, mas molda profundamente a constituição do Eu e os modos de investimento libidinal do sujeito.

A formação do Ideal do Eu envolve mecanismos psíquicos sofisticados, entre eles a introjeção e a transferência, essenciais para compreender como o sujeito organiza suas relações libidinais e estruturais. Ferenczi ([1909]2011; [1912]2011) descreve a introjeção como processo inconsciente pelo qual o sujeito assimila características de seus objetos de amor, influenciando tanto o investimento libidinal quanto a constituição de transferências mais ou menos positivas. A introjeção parental atua como instrumento pelo qual o sujeito

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

internaliza traços dos pais, incorporando atributos e valores que estruturam o Eu e definem expectativas internalizadas. Essa perspectiva permite compreender que o Ideal do Eu não se limita a um conceito teórico, mas representa um mecanismo concreto que regula desejos e relações interpessoais, orientando a dinâmica psíquica do sujeito de forma significativa.

A relação com os pais, especialmente a identificação com a figura paterna, é marcada por ambivalência, combinando sentimentos de ternura e hostilidade, tal como apontado por Freud ao formular o Complexo de Édipo. Nesse contexto, a criança desenvolve duas modalidades de escolha objetal: as anaclíticas, centradas no apoio e proteção oferecidos pelos pais, e as narcísicas, que refletem atributos desejados ou internalizados (Freud,1914-1926/2010). A identificação primária ou substitutiva permite que o sujeito assimile qualidades parentais e internalize sentimentos contraditórios, mantendo a tensão entre amor e hostilidade (Freud,1923-1925/2011). Esse processo constitui o núcleo do Ideal do Eu, que, longe de se reduzir a uma idealização passiva, envolve constante negociação psíquica entre desejos, limitações e proibições (Freud, *1920-1923/2011)*.

Freud (1912-1914/2012), em *Totem e Tabu*, ilustra a importância da fantasia e da interdição na organização psíquica ao tratar do parricídio mítico da horda primeva. Segundo o autor, o assassinato do pai estabelece interdições e sentimentos de culpa que consolidam a autoridade paterna como referência interna do grupo. No neurótico, a fantasia de parricídio reproduz a impossibilidade de substituir o pai ou satisfazer os desejos incestuosos, levando à internalização da lei paterna e à formação do Ideal do Eu (Freud,1912-1914/2012). Dessa forma, a criança assimila os limites impostos pela figura paterna, e a ambivalência entre sentimentos de amor e hostilidade torna-se central na constituição do Eu e de seus ideais.

Portanto, a constituição do Ideal do Eu, em Freud, articula três dimensões essenciais: (i) a marca narcísica, que fundamenta a busca por completude; (ii) a identificação parental, que estrutura o Eu por meio da introjeção de atributos e sentimentos dos pais; e (iii) a internalização da lei paterna e das interdições, que, ao barrar a satisfação incestuosa, organiza o desejo e orienta o comportamento

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

social. Essa articulação evidencia que o Ideal do Eu não se limita a um modelo de perfeição individual, mas atua como instância reguladora, mediando desejo, normas e relações interpessoais, sendo decisivo tanto para a constituição subjetiva quanto para a vida social. Além disso, a análise crítica permite perceber que o Ideal do Eu é fonte de tensão, sofrimento e potencial de sublimação, demonstrando sua relevância central para a compreensão da psique humana.

3. O Ideal do Eu e as massas

O Ideal do Eu, enquanto instância psíquica, não se limita à constituição da identidade individual, mas apresenta implicações significativas na organização coletiva dos sujeitos. A análise da psicologia das massas, proposta por Freud (1920-1923/2011), demonstra que não há uma separação absoluta entre psicologia individual e coletiva, pois o indivíduo nasce em um contexto social preexistente e, simultaneamente, a sociedade é constituída por indivíduos singulares. Nesse sentido, compreender o Ideal do Eu implica considerar as interações entre as exigências internas do sujeito e as demandas do grupo social.

Freud (1920-1923/2011) conceitua a massa como um agrupamento de indivíduos que, ao se unirem, passam a sentir, pensar e agir de maneira distinta de seus comportamentos quando isolados. Essa transformação se deve ao investimento libidinal dirigido ao grupo, que suspende temporariamente a singularidade de cada sujeito e produz características comuns a todos os membros. Nessa dinâmica, os vínculos libidinais possibilitam a circulação de afetos e desejos, sustentando um sentimento de pertencimento e identidade coletiva, conforme o autor desenvolve posteriormente em *O ego e o id* (Freud, 1923-1925/2011).

3.1 Identificação: do pai ao líder

A identificação, processo central na constituição do Ideal do Eu, é inicialmente orientada pelas figuras parentais. Conforme descrito por Freud (1923-1925/2011), o sujeito estabelece, ainda na infância, vínculos ambivalentes com o pai, tomando-o como modelo a ser internalizado. Esta identificação primária fundamenta a construção do Ideal do Eu, mediando desejos e expectativas em

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

relação a si mesmo e ao mundo. Na dinâmica das massas, tal mecanismo é deslocado: o líder assume o papel do pai, tornando-se objeto de identificação coletiva. A partir deste vínculo, os indivíduos internalizam valores, normas e ideais comuns, consolidando a coesão do grupo.

A identificação com o líder opera de forma vertical, estabelecendo a hierarquia e a disciplina dentro da massa, enquanto a identificação horizontal, entre os membros, promove a sensação de fraternidade e pertencimento. A consolidação dessa dupla identificação, porém, exige a presença de diferenças externas, que funcionam como alvo da agressividade projetada, reforçando a coesão interna do grupo (Freud, 1920-1923/2011). Nesse contexto, o Ideal do Eu do indivíduo pode sofrer diminuição de investimento libidinal em prol do ideal coletivo, vivenciando-se de maneira substitutiva por meio do líder**.**

3.2 Massas artificiais e instáveis

Freud (1920-1923/2011) distingue massas estáveis, organizadas e regidas por coerção e laços afetivos, das massas instáveis, cuja coesão depende da agressividade e do compartilhamento de impulsos coletivos. As massas estáveis, como a Igreja e o exército, mantêm a unidade por meio de um líder idealizado, cuja função afetiva sustenta a adesão dos membros e assegura a manutenção da estrutura grupal (Freud,1920-1923/2011). O amor dirigido ao líder, percebido como democrático, cria vínculos afetivos entre os integrantes, promovendo solidariedade e cooperação.

Freud (1920-1923/2011) observa que, na ausência de um ideal comum capaz de orientar os vínculos libidinais, as massas tendem à instabilidade, tornando-se vulneráveis à liberação de impulsos agressivos e à irrupção de comportamentos irracionais. Nesses grupos, a fragilidade dos laços afetivos favorece tanto a dispersão quanto a submissão a figuras de liderança, nas quais os indivíduos depositam o lugar do Ideal do Eu. Assim, a presença de um ideal, mesmo que parcial, exerce função estruturante ao conferir coesão ao coletivo, orientando suas ações e revelando a articulação entre o Ideal do Eu e a dinâmica das massas (Freud, 1923-1925/2011).

Em síntese, o Ideal do Eu, inicialmente formado na infância por meio da identificação com os pais, encontra na vida coletiva uma extensão de sua função

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

psíquica. Na massa, a identificação com o líder e com os pares promove a consolidação de normas, valores e ideais comuns, modulando desejos individuais e possibilitando tanto a estabilidade quanto a instabilidade do grupo. A compreensão dessa articulação fornece elementos essenciais para a análise crítica das interações sociais e da formação da subjetividade coletiva.

4. O Ideal do Eu na Contemporaneidade

A construção do Ideal do Eu, segundo a teoria psicanalítica freudiana, continua a ser central para a compreensão da subjetividade na contemporaneidade. Freud (1923-1925/2014) define o Ideal do Eu como um padrão internalizado que orienta condutas, moldando a autoimagem e as aspirações do sujeito, a partir das influências do Superego e das normas sociais. Na contemporaneidade, marcada pela interconectividade digital e pela cultura do consumo, a constituição do Ideal do Eu encontra novos desafios: os sujeitos estão expostos a uma multiplicidade de modelos e padrões que moldam suas expectativas, intensificando a comparação social e a busca por validação externa (Turkle, 2011).

A teoria lacaniana amplia essa compreensão, ao articular o Ideal do Eu com a função simbólica e a regulação do gozo. Para Lacan (1956-1957/1995), o Ideal do Eu se estrutura a partir da metáfora paterna e da mediação simbólica, que impõe limites ao gozo e orienta o desejo. O Nome-do-Pai funciona como significante estruturante que organiza o sujeito no laço social, permitindo que o gozo seja limitado e direcionado (Lacan, 1959/1992). Miller (1999; 2005) complementa essa perspectiva, destacando que, na contemporaneidade, o declínio da função do Nome-do-Pai e da ordem simbólica produz uma desregulação do gozo e fragiliza os ideais que antes estruturavam o desejo e a convivência social.

4.1 Novos tempos, novos ideais

A sociedade contemporânea apresenta padrões de perfeição inatingíveis, amplamente propagados por redes sociais, publicidade e normas sociais implícitas. A exposição constante a esses modelos idealizados promove uma comparação social incessante, na qual o sujeito passa a medir seu valor a partir

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

de imagens e expectativas externas, intensificando sentimentos de inadequação e insatisfação (Turkle, 2011).

A teoria lacaniana permite aprofundar a compreensão dessas dinâmicas. A criação de perfis digitais idealizados evidencia uma cisão entre o eu real e o eu virtual, sustentada no campo do semblante. O valor do sujeito passa a ser medido pelo retorno do olhar do outro — nas curtidas, comentários e seguidores — em vez de uma referência simbólica internalizada. Miller (2005) aponta que o declínio da função do Nome-do-Pai enfraquece os referenciais simbólicos que outrora organizavam o desejo, favorecendo a proliferação de modalidades de gozo não reguladas. Nesse contexto, a busca incessante por reconhecimento no espaço virtual ilustra a dificuldade contemporânea em inscrever o gozo na ordem simbólica, revelando a precariedade das mediações que sustentam o Ideal do Eu.

A cisão entre o Eu ideal e o Ideal do Eu, já trabalhada por Freud (1914-1916/2010), reaparece no cenário contemporâneo sob novas formas. O que se observa é que o Ideal do Eu, outrora sustentado por referenciais simbólicos coletivos, encontra-se fragilizado, cedendo espaço a identificações imaginárias que buscam consistência na imagem. Lacan (1966/1998) já havia indicado que, sem a mediação do Nome-do-Pai, o sujeito fica exposto a uma proliferação de ideais parciais, que não oferecem a mesma função organizadora. Nesse ponto, Miller (2005) assinala que o declínio do Outro consistente abre espaço para uma multiplicidade de objetos de gozo, em que o sujeito se vê convocado a responder continuamente a ideais contraditórios e inatingíveis. Essa lógica se manifesta nas redes sociais, onde o Ideal do EU é projetado e constantemente confrontado com imagens do outro, intensificando a dinâmica entre desejo e gozo e tornando ainda mais visível a precariedade do Ideal do Eu na contemporaneidade

4.2 A queda do ideal simbólico e a exigência do gozo

O panorama contemporâneo apresenta um declínio das estruturas simbólicas que tradicionalmente organizavam o desejo. Para Lacan (1972-73/1985), o Simbólico, ao introduzir a lei da castração, estabelece uma forma de limite ao gozo. No entanto, esse limite não o elimina, mas, ao contrário, evidencia o resto irredutível que escapa ao significante, constituindo o campo do real do gozo. Contudo, na contemporaneidade, a função do Nome-do-Pai se enfraquece,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

e o sujeito é lançado à deriva no mercado de gozos, conforme Miller (2005). A exigência de gozo, sem limites claros, torna-se imperativa, desorganizando o Ideal do Eu e gerando um sentimento de desorientação e crise de sentido.

Miller (1999) explica que, com o enfraquecimento do ideal regulador, emergem múltiplas formas de gozo que não encontram mediação simbólica, criando uma tensão entre desejo e satisfação. O sujeito contemporâneo se vê confrontado com um excesso de estímulos e modelos, sem a mediação da lei simbólica que inscreve o desejo e limita o gozo. Lacan (1959-1960/1992) sublinha que a ausência de limites ao gozo, quando desvinculada da lei simbólica, conduz a um empobrecimento do laço social e à fragilização da posição do sujeito frente ao desejo, expondo-o a novas formas de sofrimento.

Na contemporaneidade, pode-se observar uma fragmentação do Ideal do eu, que já não se sustenta como instância estruturante capaz de orientar o sujeito a partir de significantes mestres estáveis. Esse enfraquecimento do Ideal não decorre apenas de mudanças culturais, mas da própria vacilação da função do Nome-do-Pai enquanto significante que introduz a lei e limita o gozo (Lacan, 1958/1998). A consequência é que o sujeito, em vez de se orientar por uma inscrição simbólica que lhe dê referência, vê-se cada vez mais submetido ao imperativo de gozar, o que se traduz em uma circulação incessante por identificações imaginárias e transitórias (Miller, 2005). A psicanálise, desde Freud, já situava a importância do Ideal do eu como instância de orientação e de unificação da personalidade (Freud, 1914-1916/2010), mas é Lacan quem radicaliza sua leitura ao articular essa instância com a função do Nome-do-Pai e com a economia do gozo. Assim, a ausência de um Ideal estável não libera o sujeito, mas o expõe ao excesso de gozo e à errância identificatória, marcando profundamente a experiência subjetiva contemporânea.

5. Considerações Finais

A análise empreendida permitiu evidenciar que o Ideal do Eu permanece como um conceito central para a compreensão da constituição subjetiva, tanto em Freud quanto nas elaborações posteriores de Lacan. Desde a definição freudiana, vinculada à identificação com as figuras parentais e aos modelos culturais internalizados (Freud, 1914/2010; 1921/2011), o Ideal do Eu se apresenta como

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

instância reguladora da vida psíquica, responsável por orientar o Eu a partir das exigências internas e externas.

No contexto contemporâneo, em que se observa a fragilização das instâncias tradicionais de autoridade e a ascensão de novos modos de laço social, a leitura lacaniana contribui para compreender as transformações do Ideal do Eu. Lacan (1960/1998; 1974-1975/2007) destaca que a crise do ideal simbólico não implica a dissolução do Ideal, mas sua reconfiguração em articulação com os modos de gozo próprios de nossa época. Nesse sentido, a clínica contemporânea revela o impacto das novas formas de idealização na constituição subjetiva e no modo como o sujeito se posiciona diante da falta estrutural.

Assim, ao articular Freud e Lacan, este estudo mostra que o Ideal do Eu conserva sua função estruturante, ainda que se apresente sob modalidades distintas, condizentes com os impasses atuais da cultura. Se, por um lado, permanece como operador fundamental da economia psíquica, por outro, encontra-se submetido às pressões de um tempo em que a lógica do consumo e a proliferação de imagens ampliam a exigência de satisfação imediata. Nesse cenário, as redes sociais intensificam a exposição de ideais e a comparação entre sujeitos, atualizando de forma radical a dinâmica descrita por Freud e relida por Lacan, na medida em que colocam em jogo novos modos de identificação e novas exigências de gozo que incidem diretamente sobre o Ideal do Eu.

Referências

FERENCZI, Sándor. Introjeção e transferência (1909). In: ___. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 57-72.

FERENCZI, Sándor. Observações sobre a teoria e a prática da psicanálise (1912). In: ___. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 137-149.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: ___. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). In: ___. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 251-410.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/tyg08586

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: ___. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-109.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: ___. *O ego e o id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: ___. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 7: *A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: *Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 22: *R.S.I. (1974-1975)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. *O Outro que não existe e seus comitês de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *A orientação lacaniana: O lugar e o laço (1998-1999)*. Curso proferido no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII. Inédito.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.